

O QUE PENSAM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE MÍDIA- EDUCAÇÃO E QUESTÕES DE GÊNERO?: DIÁLOGO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA COLABORATIVA NO SERTÃO PARAIBANO

*WHAT DO PHYSICAL EDUCATION TEACHERS THINK
ABOUT MEDIA EDUCATION AND GENDER ISSUES?:
DIALOGUE FROM A COLLABORATIVE PERSPECTIVE IN
THE PARAÍBA HINTERLAND*

André Magno Gomes da Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco,
Recife, PE, Brasil

Jamile Ariele Cruz de Aquino

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Sousa,
PB, Brasil

Maria Albertania Gomes da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

Resumo: Objetivamos descrever como docentes de Educação Física na Educação Básica do Estado da Paraíba na microrregião do sertão Paraibano estabelecem diálogos sobre mídia-educação e questões de gênero. No que tange à metodologia aplicada para propor informações que pudessem responder ao objetivo, optamos pelo estudo descritivo, com uma abordagem qualitativa, respaldando-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa colaborativa. A coleta de informações ocorreu entre setembro a dezembro de 2022, juntamente à formação continuada a qual foi ofertada para os docentes colaboradores. Ao todo, cinco docentes participaram. Sobre a mídia-educação, o grupo de docentes colaboradores indicaram uma postura de des saber sobre o subcampo. Sobre as percepções em

torno das questões de gênero, entendemos que as falas podem ser influenciadas por inúmeros fatores. Por fim, tanto no subcampo da mídia-educação quanto no subcampo das questões de gênero na escola, o conjunto de docentes de EF ainda precisa se apropriar dos conhecimentos relacionados, pois a subjetividade de cada um(a) tem sido a responsável pela tomada de decisões.

Palavras-chave: Formação Continuada. Mídia-educação. Questões de gênero. Subjetividade.

Abstract: We aim to describe how Physical Education teachers in Basic Education in the State of Paraíba in the micro-region of the Sertão Paraibano establish dialogues about media-education and gender issues. Regarding the methodology applied to propose information that could respond to the objective, we opted for a descriptive study, with a qualitative approach, supported by the theoretical and methodological assumptions of collaborative research. Information collection took place between September and December 2022, together with the continuing training that was offered to collaborating teachers. In total, five teachers participated. Regarding media education, the group of collaborating professors indicated a stance of ignorance about the subfield. Regarding perceptions around gender issues, we understand that statements can be influenced by numerous factors. Finally, both in the subfield of media education and in the subfield of gender issues at school, the group of PE teachers still needs to appropriate related knowledge, as the subjectivity of each one has been responsible for making decisions.

Keywords: Continuing Education. Media education. Gender issues. Subjectivity.

Considerações introdutórias

É no compartilhamento dos saberes docentes (TARDIF, 2014), entre docentes ou docentes em processo formativo, que os saberes experienciais ganham objetividade, ou seja, cruzam a subjetividade das experiências individuais – que não são unicamente construídas, individualmente, para caminharem em direção à objetividade, por meio das interações entre professores em formação inicial e/ou em formação continuada. Essa objetividade que é posta, em cena, envolve esses saberes para além dos mundos da escola, percorrendo e se entrelaçando nas teias dos processos de formação do outro.

Tratando-se de Tecnologia Digital de Informação e Comunicação (TDIC), é consenso que de forma abrupta, incorporaram parte da vida de uma parcela expressiva de seres humanos. Esse movimento, nos últimos anos, no âmbito escolar, tem acionado uma maior mobilização em volta de pesquisas sobre a temática. Na Educação Física (EF), as discussões sobre o subcampo mídia-educação (física) se acentuaram mais recentemente, sendo este conceito decorrente dos saberes-fazer produzidos a partir do arcabouço teórico da mídia-educação (MEZZARROBA, 2018). Por sua vez, entende-se por mídia-educação como um direito fundamental à humanidade (BELLONI, 2001), significando a superação da visão instrumental/reducionista das TDIC, em prol de um uso crítico, criativo e produtivo (FANTIN, 2011). Buckingham (2023) diz que mídia-educação diz respeito a ensinar sobre mídia e ter um senso crítico em relação a ela. Estudos sobre esse subcampo, na área, relatam modificações de posturas docentes e estudantis nas aulas de EF, assim como a construção de outras dinâmicas pedagógicas, além da incorporação de modos outros de linguagem e utilização de diferentes dispositivos mediando as interações sociais nesses contextos e dentre outras coisas (OLIVEIRA; HACK, 2020).

Em uma margem não tão distante, a origem do debate sobre gênero inicia um processo de rompimento (Louro, 1997) com a sobreposição da lente biológica historicamente imposta sobre esse elemento. No campo da EF, ao considerarmos que a formação inicial apresenta ainda uma fragilidade na sustentação de um saber curricular sobre tais questões (Leite *et al.*, 2022), entendemos que a formação continuada, na área, deve se afirmar como uma via de possibilidades pelo diálogo sobre as experiências docentes em torno das questões de gênero na escola.

Portanto, partindo do entendimento de que a comunidade escolar, sobretudo os(as) professores(as) de EF, ao cultivarem uma apropriação científica, pedagógica, crítica e reflexiva dos elementos mídia-educação e questões de gênero, podem-se beneficiar delas para qualificar os processos educativos e a sua própria formação humana e profissional. Para esse alcance, é necessário que ocorra um maior envolvimento entre os docentes e um maior apoio do corpo escolar como um todo. Pensando nisso, Freire (2013) nos lembra da força transformadora que o diálogo pode propiciar, tornando-o como possibilidade de formação docente permanente.

Este texto é um excerto de uma pesquisa vinculada a um Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF), em nível de Mestrado.

O referido estudo¹ tratou de tematizar a formação continuada em mídia-educação na rede Estadual de Educação Básica nas cidades de Sousa e Cajazeiras, localizadas na microrregião do sertão do Estado da Paraíba (PB).

Para este recorte, objetivamos descrever como docentes de Educação Física na Educação Básica do Estado da Paraíba na microrregião do sertão paraibano estabelecem diálogos sobre mídia-educação e questões de gênero.

A organização do trabalho é dada assim: a seguir, são apresentados os caminhos metodológicos traçados, e, posteriormente, são descritos os resultados encontrados em torno dos diálogos tecidos entre os docentes sobre as suas percepções sobre mídia-educação e questões de gênero junto às experiências nas escolas em que trabalham. De forma não conclusiva ou acabada, encaminhamos ainda algumas considerações possíveis sobre as temáticas aqui abordadas neste extrato.

Métodos: sendas da pesquisa

O texto em tela tem como gênese metodológica o tipo de estudo descritivo, com abordagem qualitativa e alicerçada na pesquisa colaborativa, tendo como referencial teórico precípua (Desgagné, 2007; Ibiapina, 2008), para esses autores, o arcabouço teórico e metodológico da colaboração permite que os saberes e fazeres da educação básica possam se unir com o do ensino superior, numa espécie de complementação e democratização das situações-problemas que emergem entre ambas, além do mais, é uma maneira de diminuir o distanciamento entre o que é feito/ produzido no mundo acadêmico e o chão da quadra.

Consoante White (1994), as pesquisas colaborativas fazem utilização de metodologias participativas, as quais possibilitam ao pesquisador (re) significar o processo de ensino e aprendizagem, estando alicerçada pela cultura digital, em quatro perspectivas:; o docente como mediador da práxis pedagógica; maior participação dos/das discentes, foco na colaboração, e, não menos importante, o corpo numa perspectiva cultural.

Esta pesquisa foi realizada entre os meses de setembro a dezembro de 2022, na microrregião do sertão paraibano, com cinco (05) docentes – sendo uma (01) professora e quatro (04) professores de EF, que

1 Cabe destacar que o estudo supracitado, obteve avaliação do Comitê de Ética Central, por meio do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética – CAEE de nº 60613722.7.0000.5537, sendo aprovado pelo Parecer de nº 5.631.161.

trabalham em escolas da rede Estadual de Ensino do Estado da Paraíba, nas cidades de Sousa e Cajazeiras, integrando o quadro permanente da rede.

Ao revisitar os dados analisados, identificamos elementos substanciais sobre a discussão pretendida neste trabalho, sobretudo, em relação às falas captadas nas entrevistas semiestruturadas com os docentes participantes. De um modo geral, são essas falas que serão aqui privilegiadas na análise estabelecida. Ao recorrermos às falas expressadas nessas entrevistas, temos, como princípios, os parâmetros éticos de pesquisa firmados. Afirmamos que, para salvaguardar o sigilo das identidades do conjunto de participantes deste estudo, os nomes dessas pessoas foram substituídos pelos seguintes códigos: PEF01, PEF02, PEF03, PEF04, PEF05.

Dito o exposto, a seguir, são apresentados os resultados do processo de análise, qual seja, a descrição dos diálogos sobre mídia-educação e questões de gênero, face aos aportes teóricos substanciais relacionados.

Experiências docentes em diálogo no sertão da Paraíba: mídia-educação e questões de gênero na escola

Os diálogos em cena são frutos de momentos de tensionamento gerados pelos encontros formativos realizados durante esta pesquisa e captados por meio das entrevistas. Sobre a mídia-educação, nas experiências dos docentes, o relato do professor PEF03 chama atenção, quando afirma *“no caso aqui, mídia-educação pra mim, é bem novo, não vou saber responder nada [...] eu acredito que no próximo encontro, eu já vou saber um pouco mais sobre isso [...]”*, portanto, reconhecendo o desconhecimento acerca da temática, que, conforme se observou, é o reflexo de percepções do conjunto dos docentes colaboradores, o que, em certa medida, implica a ausência de abordagens relacionadas nas aulas de EF. O fato exposto é consonante ao recente estudo que constata uma falta de articulação sobre a mídia- educação nas práticas pedagógicas da área (MEZZARROBA, 2018).

Ao discorrer sobre aspectos relacionados às concepções de gênero, encontramos uma diversidade de percepções sobre o assunto, entre o conjunto de docentes participantes, uma delas, de forma recorrente, insere-se na definição de gênero estritamente ligado, ainda, ao aspecto biológico (Leite *et al.*, 2022), segundo a fala da docente PEF01 *“[...] eu acho assim, a gente nasce homem ou mulher [...]”*, quando se referia em não concordar que a questão de gênero se fundamenta também numa construção social. Em oposição à concepção expressada, o docente PEF04 relata *“[...] eu tenho a*

visão de gênero dessa forma, como cultural, como masculino e feminino [...]”, ao fazer uma distinção entre gênero e sexualidade, se aproximando assim dos entendimentos de (LOURO, 1997).

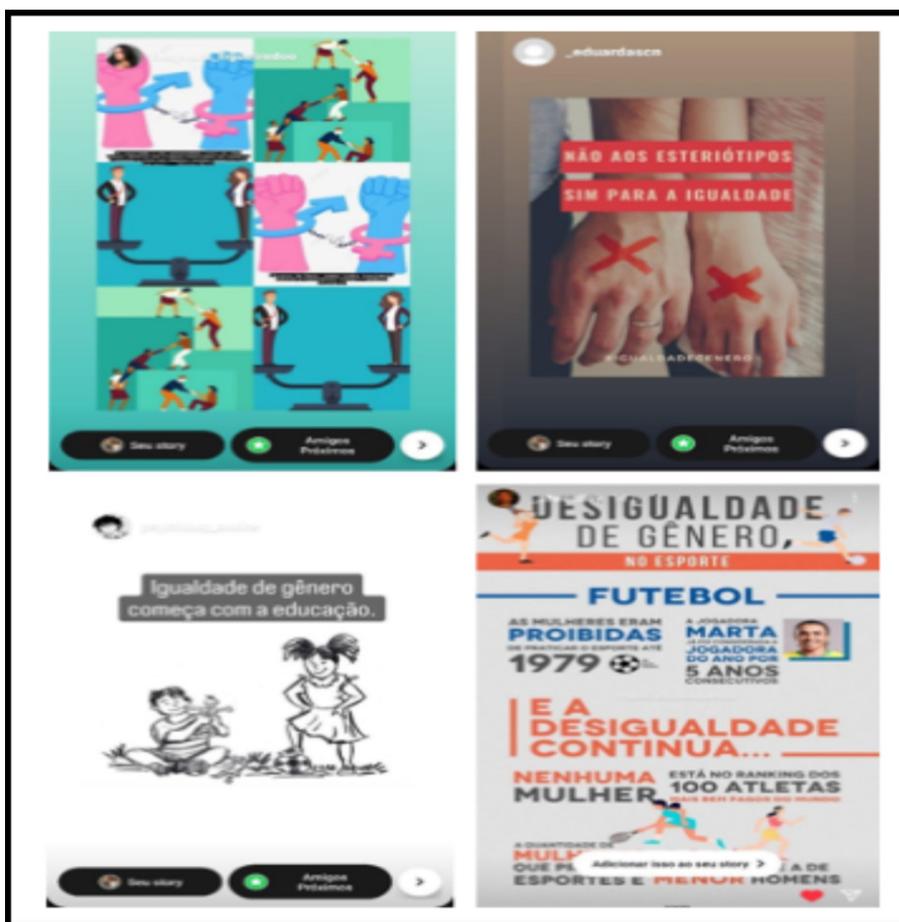
Quanto ao relato de experiências vivenciadas no contexto escolar, o professor PEF05 detalha uma situação durante um torneio em que segundo ele, um estudante queria participar, competindo pela modalidade feminina e expõe “[...] *num primeiro momento, eu nem sabia qual a decisão a tomar. Eu disse: olha, a tabela já está feita. [...]*”. E relaciona essa situação ao seu entendimento de que “[...] *têm alunos do sexo masculino e que se identificam como de outro gênero que têm uma vantagem física enorme [...]*”, considerando o fato do professor acima citado está há pouco tempo trabalhando como docente, as falas acima remetem à fragilidade na formação inicial em EF no que tange aos saberes sobre as questões de gênero na escola (LEITE *et al.*, 2022).

Outro ponto observado, durante os momentos de formação entre os docentes, é a fala da professora PEF01, que já acumula um longo período de trabalho na EF, ao revelar “*eu estou refletindo [...] estou acolhendo o que vocês estão falando [...] para eu saber como lidar, posicionar e saber o que fazer [...]*”. Nesse sentido, nos lembramos da importância das interações entre docentes, que são diferentes e carregam experiências diversas de suas práticas docentes, para revitalizarem seu saber-fazer frente ao processo de trocas entre saberes experienciais com outros docentes (TARDIF, 2014).

Em um dos encontros da formação continuada, a partir de uma reportagem que tratava de uma atleta transexual (caso Tiffany), foi realizado um debate junto aos docentes, buscando relacionar a mídia-educação e questões de gênero nas aulas de EF. Sobre esse diálogo, o professor PEF02 relata já ter abordado, em suas aulas, um júri simulado sobre atletas transexuais no esporte, apresentando o seguinte problema “[...] *atletas transexuais têm vantagens nos esportes de alto rendimento?*” O docente ainda acrescenta “[...] *convidei um professor para ser o juiz. Teve a acusação, a defesa e algumas pessoas para serem os jurados e dizerem quem argumentou melhor [...]*”. Esse relato caminha junto à perspectiva de que, por meio da apropriação e do acionamento da mídia-educação nas aulas de EF, ocorrerá uma revitalização nos processos de educação de todas as pessoas envolvidas (OLIVEIRA; HACK, 2020).

Na figura a seguir, retrata uma vivência que o professor P4 realizou em sua escola junto a seus alunos:

Figura 13 - Divulgando as produções midiáticas: (des)igualdade de gênero em foco



Fonte: Imagens construídas e compartilhadas pelos/as discentes de P4, pelo Instagram, no dia 15/12/2022.

O docente experienciou em suas aulas o conteúdo: (des)igualdade de gênero e mídia, em três semanas de aula, totalizando 6 aulas ao todo, com alunos/alunas da 3ª série do ensino médio. Na primeira semana: o professor fez uma exposição do que a turma iria desenvolver ao longo da sequência didática, fez um diagnóstico sobre o que os alunos/alunas conheciam sobre a temática, e expôs alguns conceitos a respeito do conteúdo, de forma dialógica. Os alunos/alunas também tiveram que pesquisar na internet algumas atividades que envolvessem o tema para serem trabalhadas na semana seguinte.

Na semana seguinte, os alunos/alunas realizaram todas as atividades no ginásio. Por ter sido no sentido de vivenciar por meio de jogos e

brincadeiras, no geral, não houve muita resistência para participar, mas alguns/algumas discentes não se engajaram tanto. A aula tinha como intuito realizar atividades em conjunto, de forma mista, meninos e meninas. As atividades realizadas foram as pesquisadas pelos/as discentes, dentre as que eles trouxeram, foram selecionadas e experienciadas as seguintes: corrente humana, baleada mista, corrida de revezamento e pega balões. O critério utilizado durante o diálogo para a escolha foi que possibilitasse a participação conjunta de todos e que estivesse mais condizente com o tema da aula.

Alguns desses jogos e brincadeiras ressaltaram a “(des)igualdade” entre os gêneros, outras a evidenciação dos conceitos pré-formados dos/das alunos/alunas à luz de sua cultura, ambos de forma subjetiva. Ao término, foi feita uma roda de conversa com eles/elas sobre a relação das atividades com o tema. No diálogo, questionou-se se eles/elas tiveram dificuldade em encontrar as atividades, quais mecanismos foram utilizados para a busca, se as atividades foram extraídas de *sites* eletrônicos ou por meio de leitura de livros disponíveis na internet. Segundo o docente, a maioria dos alunos/alunas pesquisou pelo *You Tube*, já que os estudantes relataram que é mais fácil de encontrar e que não precisava ler. Aproveitando a oportunidade, o professor dialogou a respeito da veracidade das informações contidas nessa plataforma, seus mecanismos de funcionamento, a importância de ler em outros sites de busca científica e livros.

A posteriori, os alunos/alunas foram convidados a pesquisarem notícias e/ou reportagens que falassem sobre (des)igualdade de gênero, para ali ser debatido, só que levando em consideração aquilo que fora dito nas buscas dos jogos e brincadeiras. Esse levantamento de informação na mídia profissional serviu também para que os/as discentes tivessem ideias para iniciar a produção de conteúdos visuais (imagens, vídeos, *folders*, cartazes etc.) sobre o tema “(des)igualdade de gênero e mídia”. Durante a execução das atividades, os/as alunos/alunas mostraram-se bastante participativos (boa parte da turma) em todos os momentos da aula.

Contudo, de acordo com P4, surgiram alguns pontos negativos durante o andamento: periódica dispersão durante a transição das atividades; falta de motivação e pela resistência relacionadas a hábitos preconceituosos. Sendo necessário, por exemplo, atribuir uma pontuação extra para os/as alunos/alunas que participassem de todas as etapas da aula e para aqueles que fossem compartilhar, em suas redes sociais, as produções visuais sobre o tema, por eles produzidos.

Na última semana, os/as alunos/alunas tiveram um tempo para terminarem as produções midiáticas que iniciaram na semana anterior. Os/as discentes se dividiram em pequenos grupos para concluir essa atividade. O compartilhamento de conteúdo via plataformas digitais é uma praxe comum entre os jovens (Lévy, 2010), no entanto, os conteúdos de entretenimento são os que mais se destacam. A partir da abordagem mídia-educativa proposta por Fantin (2011), essa produção é uma alternativa para que os jovens compreendam outras formas de utilização desses meios.

A maioria dos materiais constaram de *folders* ilustrativos com frases de efeitos sobre “(des)igualdade de gênero e mídia”. Posteriormente, após a construção, foi feita uma discussão com os/as alunos/alunas sobre as informações que constavam nas imagens e as melhores formas para sua divulgação. Alguns utilizaram de uma maior criatividade na elaboração dos *folders*, outros preferiram utilizar recursos básicos. Para a divulgação, escolheram a rede social *Instagram*.

O compartilhamento de informação via *Instagram* permite um alcance para pessoas próximas a quem compartilhou, gerando uma espécie de disseminação em massa. Nesse momento de divulgação da produção midiática, os/as alunos/alunas se mostraram ansiosos para saber a reação e quem visualizava. Tanto a produção como o compartilhamento foram os momentos de maior participação e entusiasmo.

Os/as discentes criaram as imagens digitais adaptadas e/ou modificadas a partir de modelos prontos disponíveis no site *Canva*. Além de compartilhar, tinham que marcar os integrantes do grupo, a escola e o professor responsável. Para Buckingham (2023), a etapa de produção midiática é um momento de reflexão pessoal e emocional dos usos da TDIC, possibilitando uma melhor análise crítica.

As produções midiáticas permitiram mostrar à sociedade os tipos de jogos e brincadeiras que ambos os gêneros podem praticar; a hierarquia simbólica e financeira entre os esportistas homens e mulheres num sistema esportivo que privilegia aquele primeiro grupo; as injustiças sociais que pregam que todos têm a mesma oportunidade, basta querer; o domínio masculino no ambiente de trabalho formal, além de diferenças salariais; a propaganda de subserviência do feminino ao masculino. Os/as discentes tiveram a oportunidade de, utilizando-se das TDIC, expor à sociedade dilemas que são tidos como normais.

Em síntese, observa-se que o professor P4 fez uso dos momentos pedagógicos próximos aos que foram adaptados a partir de Araújo *et al.*,

(2016). É importante frisar que cada contexto pedagógico pode sugerir demandas específicas, não sendo esses modelos vistos como estanques. Além disso, tiveram a oportunidade de desenvolver a dimensão crítica, ao dialogar sobre as informações que buscavam na mídia profissional e o próprio conteúdo em si; a dimensão da criatividade, quando tiveram que pensar em como, qual e que por que meio iriam divulgar as informações criadas por eles e, por fim, a própria dimensão da produção, por meio dos *folders*.

Conclusão

No tocante a mídia-educação, o grupo de docentes colaboradores indicou uma postura de dessaber sobre o subcampo, embora se perceba, em alguns momentos, ainda que de forma restrita como o descrito acima, uma aproximação relacionada à temática em suas aulas. Dito isto, com uma devida apropriação da mídia-educação, poderiam recorrer aos seus conhecimentos, a fim de incorporá-los de forma conjunta a temáticas outras em seu fazer cotidiano, como se descreveu com as questões de gênero. Refletindo, assim, no potencial de mediação que a mídia-educação pode oportunizar na EF.

Sobre as percepções em torno das questões de gênero e considerando uma visão ampliada sobre os resultados descritos, entendemos que as falas podem ser influenciadas por inúmeros fatores, por exemplo: como a escola entende a EF? Que relações de poder as TDIC tencionam? Quais conflitos internos e externos ocorrem? E aqui, em destaque, que formação foi possibilitada? Neste último, é possível identificar, pelo conjunto das falas, uma fragilidade nas percepções em torno das questões de gênero, sobretudo na formação inicial (Leite *et al.*, 2022), e, para os docentes que já estão inseridos nas escolas, a formação continuada pode ser uma alternativa a essa fragilidade (NÓVOA, 1992).

Em síntese, tanto no subcampo da mídia-educação quanto no subcampo das questões de gênero na escola, o conjunto de docentes de EF ainda precisa se apropriar dos conhecimentos relacionados, pois a subjetividade de cada um(a) tem sido a responsável pela tomada de decisões, que nem sempre contemplam a diversidade de elementos envolvidos, por ocorrerem de forma individualizada. E, para romper com esse processo, requer passar por uma construção coletiva e colaborativa entre os pares, e isto pode acontecer por meio do compartilhamento de diferentes saberes

docentes.

Referências

- ARAÚJO, A. C.; BATISTA, A. P.; OLIVEIRA, M. R. R. (Org.). **Vamos pensar as mídias na escola?:** Educação Física, movimento, tecnologia. Natal: EDUFRN, 2016. 119 p. (Coleção Megaeventos Esportivos).
- BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação.** São Paulo: Autores Associados, 2001.
- BUCKINGHAM, D. **Manifesto pela educação midiática.** São Paulo: Loyola, 2023.
- DESGAGNÉ, S. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, p. 7-35, maio/agosto de 2007.
- FANTIN, M. **Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos.** Olhar do Professor, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 27-40, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- IBIAPINA, I. M. L. **Pesquisa Colaborativa:** investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber Livro. 2008.
- LEITE, M. A. *et al.* **A temática gênero na licenciatura em educação física:** discussões acerca da formação inicial. Motrivivência, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 01-18, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e84292>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: 34, 2010.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MEZZAROBBA, C. **A formação e constituição de um subcampo acadêmico:** a mídia- educação na educação física – configurações, perspectivas e inflexões. 2018. 493 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, UFSC, Florianópolis, 2018.
- NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (org.). **Os Professores e a sua Formação.** Lisboa: Dom Quixote,

1992. p. 13-33.

OLIVEIRA, M. R. R; HACK, C. Mídia e educação física escolar: panoramas mídia- educativos no contemporâneo. In. DORENSKI, S.; LARA, L.; ATHAYDE, P. (org.). **Comunicação e mídia: história, tensões e perspectivas**. Natal: EDUFRN, 2020. p. 43-56.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.